

PMS	CPM	GERIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Pádua	
Data	28.01.82	
Caderno	1	Página 3
Seção		
Assunto	Centro Histórico Pelourinho	

Barracas nas calçadas enfeiam o Pelourinho

Nem só o tempo vai destruindo o conjunto do Pelourinho. De nada vai adiantar o empenho das entidades ali instaladas na preservação do casario e de todo o complexo arquitetônico se as autoridades não tiverem o mínimo respeito com a dignidade dos moradores, trabalhadores e visitantes. O Pelourinho está cheio de barracas sujas, com lixo nos acessos principais, sem fiscalização e policiamento ostensivo.

Conforme os comerciantes da área, há uns 10 dias que a limpeza regular deixou de ser efetuada. Nos finais de semana, quando acontecem as festas e para lá se desloca um grande número de pessoas, a situação fica pior. O proprietário de uma casa de produtos artesanais diz que o odor da bebida e do lixo perdura após as noites movimentadas, sem que apareça um carro-pipa da Prefeitura ou de outro órgão qualquer para fazer uma limpeza.

O grande palco instalado pelo próprio governo do estado, visando os eventos de Verão, tira a visão e a beleza dos casarios, na opinião de turistas. Jim Johnson, um inglês que ontem passeava em companhia de mais três pessoas, observou que "o palco é grande e fica mal localizado". Ele é acostumado a visitar a Bahia anualmente e advertiu que, este ano, tudo parece menos bonito.

Barraqueiros alegam que não podem deixar o local, pois é ali onde fazem melhor negócio nos finais de semana e às terças-feiras, quando tem festa no Olodum. Entre quatro estacas e sob uma lona suja, a vendedora de bebidas, Esmeraldina Cardoso, observa que deixou de ficar no Porto da Barra para vender no Pelourinho. "Eu



Armações de madeira sobre as calçadas

não acho nada demais armar minha barraca neste local. Se a Prefeitura não está gostando e os turistas estão reclamando, alguém tem que dar as condições para que o nosso trabalho seja melhor. Já basta o perigo dos malandros que temos de enfrentar", disse.

Majestoso reduto de senhores de engenho no século XVIII, o venerado largo do Pelô sempre foi uma dessas relíquias coloniais agonizantes, abandonadas pelos governos e sujeitas ao ataque de uma variada coalizão de inimigos. Transformado em território de prostituição o Pelourinho sofreu 250 ameaças de incêndio só no período 1962/68. Além de padecerem os efeitos do tempo, muitos de seus casarões continuam ameaçados pela umidade do terreno. Hoje, o conjunto está incluído no rol das obras públicas e passou a ser beneficiado por um providencial trabalho de recuperação.

Foto: Carlos Santana